

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Um cônsul eclesiástico português no Brasil

COM a devida vénia transcrevemos de «O Primeiro de Janeiro», de 31 de Agosto, a Crónica de Braga de que é autor o consagrado jornalista e brilhante escritor Snr. Aníbal Mendonça e que se refere a um dos mais notáveis sacerdotes que evangelizou no Brasil nos últimos tempos.

«Enquanto, esta manhã, milhares de peregrinos sobem mais uma vez a montanha do Sameiro, cantando e rezando, a derramar as suas aflições e as suas esperanças, como ainda há pouco fizeram, em Barcelos, ao escalarem o monte da Franqueira, aprez-nos evocar, em traços fugidios, a figura de um devotadíssimo admirador da imagem que se venera, tantas léguas em redor, naquele majestoso santuário do culto mariano.

Essa devoção, espécie de idolatria nascida e mantida arduosamente longe da sua Pátria, levou-o a enfeitar com inultrapassável carinho o busto da adorada imagem, colocando-lhe um maravilhoso colar de preciosas pedrarias. Muitos adivinharam já de quem se trata: exactamente de monsenhor Alves da Rocha, que durante longos anos exerceu, com a mais alta dignidade, o ministério de capelão-mor do Santuário de Nossa Senhora da Penha e o cargo de director dos colégios da irmandade do mesmo nome, no Rio de Janeiro, onde veio a falecer, em fins de Abril de 1956.

Bastaram dois anos e alguns meses para que a sua memória — tão abençoada por tantos pobres e desamparados a quem concedeu protecção — quase se esquecesse, passando-se adiante. E, todavia, ele serviu integralmente aquilo que os teólogos denominaram de «bem comum», expressão vaga e elástica de que, no nosso tempo, alguns dirigentes políticos se têm servido para, destruindo a estrutura da legalidade, encobrirem e justificarem o seu próprio autoritarismo pessoal.

Na verdade, monsenhor José Maria Martins Alves da Rocha, natural da freguesia de S. Miguel de Cabreiros, do concelho de Braga, aqui quase às portas da cidade, não foi apenas um sacerdote exemplar, preso a um infatigável apostolado, escrupuloso e até por vezes austero no cumprimento do seu múnus (e isso já seria muito de contar entre a dissolução e a duplicidade reinantes na nossa época); foi igualmente e em nível superior, no seu exílio voluntário, um homem de bem, um homem de coração, esmoler, caritativo, singelo na distribuição generosa dos seus bens de fortuna, consciente das suas responsabilidades espirituais e afectivas perante os homens em si mesmos e, perante a sua pequenina terra natal, que a miúdo visitava, e a sua Pátria.

Através da sua carreira aureolada de êxitos no caminho da sua operosa actividade sacerdotal, como escritor, poeta, conselheiro virtuoso, guia de almas e orador sagrado, mostrou-se um português de antanho, um diplomata de gema, prestigiando Portugal de forma rutilante, ao lado de grandes vultos, na capital fluminense, onde alcançou um lugar proeminente.

Culto, zeloso, de trato afável, arguto, abnegado até ao sacrifício, desempenhou-se brilhantemente de várias missões delicadas em terras de Santa Cruz, mal ali aportou em 1907, pois desde logo a sua inteligência e a sua seriedade foram notadas pelas mais ilustres autoridades eclesiásticas, e assim depressa veio a ganhar extraordinária influência em todos os meios da metrópole carioca. Dessa influência se soube ele admiravelmente sempre socorrer para a colocar, com júbilo, como quem leva a cabo um gratíssimo dever, ao serviço dos elementos da colónia portuguesa, abrindo-lhes fáceis possibilidades de acesso social, resolvendo-lhes os problemas por vezes cruciantes que a emigração arrasta consigo, facultando-lhes empregos e assistência nos hospitais, acudindo-lhes em graves transeis morais, escutando-os sem cansaço e orientando-os paternalmente.

(Continua na página 2)

GRUPO

«Amigos da Música»

NO passado dia 31 de Agosto, a nossa cidade foi visitada pelas colectividades que constituem o Grupo «Amigos da Música».

Os seus associados e pessoas de família que se deslocaram até à nossa terra em 12 autocarros e 20 automóveis, foram aguardados, em Gamil, pelas prestantes Associações de Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos que, assim, em atitude altamente simpática, anteciparam os seus cumprimentos de boas-vindas àquele apreciável conjunto musical.

Em Barcelinhos, após a chegada, organizou-se o cortejo até à Câmara Municipal, notando-se, apesar da chuva, a presença de todas as colectividades locais. Os «Amigos da Música» deliciaram-nos com a saudação a Barcelos, que tocaram e cantaram até ao salão nobre da Câmara, onde eram aguardados pelos Snrs. Presidente e Vereadores, Presidente da Comissão Municipal de Turismo e por muitas outras individualidades.

Deu as boas-vindas o Senhor Presidente da Câmara, que enalteceu a acção dos «Amigos da Música», grupo composto por simples amadores, a quem se referiu com os mais generosos elogios, por saber que nenhum é profissional, cultivando a música, à custa de alguns momentos que roubam às horas de descanso. Referiu-se, a algumas partes da saudação e felicitou o autor dos versos e bem assim da música, que se encontrava presente, o distinto maestro, Snr. Joaquim Teixeira, que, além de orientador do Grupo, é amigo de de todos e impulsor de diversas iniciativas congêneres. Congratulou-se com a presença deste conjunto artístico, que Barcelos recebia no coração, terminando por se referir ao Snr. Joaquim de Almeida, que disse ser já barcelense de coração, como o grande impulsor da vinda da embaixada e que tudo tinha feito para que este acontecimento tivesse o brilhantismo que certamente iria ter.

(Continua na página 2)

LOUÇAS DE BARCELOS

Louças pintadas

MUITOS críticos desclassificam as louças pintadas depois de cozidas. Incontestavelmente que a pintura cerâmica, quer ela seja de fogo de mufla ou de grande fogo, tem outro valor técnico e no barro devia ser a única a empregar-se. Porém, nem todas as pinturas se podem fazer com as tintas cerâmicas, umas pelo seu preço, outras pelas dificuldades técnicas que apresentam. Recorrem então à pintura depois da cozedura. Pratica-se isto em todos os centros cerâmicos. Não devia ser assim, mas enquanto não conseguirem, para estes casos uma técnica mais fácil e económica, aceitamos como boa lógica esta maneira de proceder. Quando o barro modelado requer pintura como complemento e o fabricante não pode ou não sabe executá-la com tintas cerâmicas, só vemos a possibilidade de ser feita depois da cozedura, e, geralmente, há tintas especialmente fabricadas para cada caso ou fim em vista.

Barcelos, nas suas louças regionais, tem diversas categorias, todas elas típicas, muito suas, e entre essas especialidades, a das Louças pintadas (depois de cozidas). É pena que não se-

jam pintadas com tintas cerâmicas, pelo menos algumas que o podem e devem ser, mas a tanto não chegam ainda os recursos dos nossos ceramistas. Consequentemente, as Louças pintadas, têm de continuar a ser pintadas depois de cozidas. Não valem como Pintura Cerâmica, mas valem como Louças pintadas. Há nelas, pois, a considerar a sua modelação e a sua pintura como pintura e portanto, um mundo ainda de manifestações curiosas, etnográficas e de arte popular, ingénua, ou de boa técnica, conforme as mãos que lhe derem forma e cor, e já por isto se justifica plenamente a existência desta classe que, cheia de pitoresco, nos transmite hábitos e costumes populares, os trajos com as suas cores, etc.

Já que esta pintura não pode ser cerâmica, ao menos que seja executada em boas condições e com bom material para que possa resistir ao tempo e aos agentes químicos com que tenham de contactar. Estas condições, infelizmente, raras vezes são observadas e então a pintura não tem beleza nem futuro. A louça pintada que não obedeça ao nosso tipismo, ou que de alguma maneira não tenha originalidade e valor, ou na qual se empregou material ordiná-

MILAGRE

Em amargos momentos de tristeza,
Na grave prostração febril, pungente,
Nunca senti, que estava tão doente,
Por ter, no coração, uma certeza...

Encontrei, nesse lance, a singeleza,
Infinita, perfeita, transcendente,
De certo olhar, sereno, comovente,
A suprema ventura da Pureza.

Esquecido, talvez, de que sofria,
Naqueles meus silêncios prolongados,
Prendeu-me Santa Imagem carinhosa.

Já vai longe, a cruel melancolia,
E voltaram os dias sossegados,
O Santa Filomena milagrosa!

Exposição Universal de Bruxelas

(Continuação do número anterior)

O do Vaticano, vizinho dos três «Grandes» (Russo, Americano, Francês) é, como não podia deixar de ser, a antítese e o correctivo do Russo no aspecto de propaganda... (Tanto quanto um prego, correctamente e indirectamente, repita-se, materialismo e colectivismo, prega o outro, da mesma forma, espiritualismo e humanismo). Mas, por sinal, e paradoxalmente, também é antítese do mesmo no aspecto artístico: tanto quanto o Russo é «clássico» e «conservador», é o do Vaticano «ultra-moderno» e «avançado»... Uma particularidade simpática — e rendosa — deste Pavilhão da Santa Sé é o seu Restaurante: talvez o melhor de todos da Exposição. (E eles são tantos, pelo menos, quantos os Pavilhões; e estes, só estrangeiros, são quarenta e oito); pelo menos é o mais procurado... pela modicidade dos preços, pela qualidade e variedade do que é servido e pela eficiência ultra-moderna do próprio serviço.

O Pavilhão Checoslovaco, se pusermos à parte o do Vaticano, é, de entre os «Médios», sem dúvida, o mais notável! Um imprevisto, na verdade, em todos os aspectos! De entre os «Pequenos» há a destacar, pelo exotismo, casticismo e perfeição artística das suas construções e de alguns dos objectos expostos, os Pavilhões de Marrocos,

da Pérsia, da Tailândia e dos «Países Árabes» (Egipto & C.^a).

O nosso, o de Portugal, — dos «Médios» —, antes fora, como os «Pequenos», notado, logo do exterior, pelo casticismo, pelo nacionalismo da sua construção. Por tal não se optou. Preferiu-se, muito simplesmente e muito modernamente, mostrar, no interior, alguma coisa do que somos no presente. Mostrar tal com dignidade, sim, mas sem alarde. Daí o ar simpático do nosso Pavilhão: sobriedade, desafogo, bom gosto; Pena foi, no entanto, não se ter explorado, mais e melhor, em pavilhão à parte, — como, aliás, fez a Bélgica com o seu Congo —, aquele sector em que nós somos, de alguma maneira, também, dos «Grandes»: o sector ultramarino...

Nesta Exposição para a história, balanço de meio século, marcaram encontro quase todos os povos da Terra. Aí vieram mostrar o que são, o que valem, o contributo que trazem para o progresso da Humanidade. Muitos milhões de pessoas, oriundas de todos os países, por aí passarão. E hão-de observar e comparar.

Oxalá que de tal resulte, sim, aumento de conhecimentos e esperança em melhores dias, mas com menos materialismo e mais espiritualismo, — para que surja, na verdade, «um mundo mais humano»!

Silva (Barcelos), Agosto de 1958.

Exposição de Frutos e Vinhos de marca

Junto à CASA «SIALAL» onde funcionou a «Cromagem Barcelense», encontram-se em Exposição variados frutos e vinhos produzidos na Sociedade Agrícola «Quinta de S. Miguel», Ld.^a, de S. Miguel da Carreira deste Concelho, de quem o nosso prezado amigo Snr. Manuel Teixeira é considerado gerente.

Entre o grande sortido de Frutos, salientamos as maçãs com os n.^{os}: 3, Winter Banana; 11, Reinette du Grand-Faye; 15, Espriega Portuguesa; 16, Bismark; 32, Delicieux; 33, Starking; 38, Transparente

rio devia ser apreendida e interdita a sua venda porque vem enxovalhar o nome de Barcelos e esta sua indústria.

Esta classe necessita de grande remodelação e de maior cuidado da parte dos seus manufactores. Isto não quer dizer que nas outras classes tudo esteja bem e certo; mas as Louças pintadas são, entre todas, a de maior pobreza técnica e nelas reina pasmosa desorientação que as precipita no caos. Nesta época em que por toda a parte perpassa uma onda de progresso a remoçar tudo, não podemos compreender como se continua a deixar ao abandono esta indústria que tem direitos incontestáveis a todo o carinho e consideração.

Certamente que não pode fazer-se tudo num só dia e ainda não chegou a vez da nossa Cerâmica.

M.

Nascimento

Na cidade do Porto, a nossa conterrânea Snr.^a D. Maria Helena da Silva Freitas, esposa do nosso estimado amigo Snr. Eugenheiro Armindo Lúcio de Azevedo Miranda, deu à luz uma menina.

Os nossos parabéns.

de Croncels; 44, Hoover; 47, Wolf River; 55, Gordem Delicieux e 57, Delicieux Rose.

Peras com os n.^{os}: 2, Beurré Clairgiau; 3, Beurré Bosc e 21, Curé, não só pela beleza dos frutos mas porque são de muita dura, pois a maior parte tem a sua maturação — principalmente as maçãs — de Janeiro a Março.

De admirar as pequenas laranjeiras que se encontram em exposição, pois, apesar do seu pequeno porte — uns escassos 0,50 cm. de altura — já se encontram com muitas laranjas.

Além dos frutos também se podem admirar os vinhos de mesa das marcas Casal de Pejeiros, Casal Landeiro e Quinta do Tamariz, todos premiados com medalhas de Prata e menções honrosas, nos Concursos Nacionais de Vinhos Engarrafados de Marca e o Vinho Espumoso Tipo Champanhe «Tamariz».

Todos os rótulos dos referidos vinhos têm as armas de Barcelos.

Também se encontram expostas, várias taças, medalhas e diplomas, ganhos em diversos concursos e exposições.

Felicitemos a Sociedade Agrícola «Quinta de S. Miguel», Ld.^a, sem dúvida alguma, uma grande organização ao serviço da Lavoura Nacional.

«Amigos da Música»

(Continuação da página 1)

Agradeceu um componente do Grupo, o Snr. Carlos Gomes de Oliveira, que se referiu nos termos mais elogiosos à princesa do Cávado e à maneira tão amável como tinham sido recebidos, retribuindo as palavras e os elogios do Snr. Presidente da Câmara, das quais, disse, os colegas guardarão para sempre grata lembrança. Depois foi oferecido ao Snr. Presidente da Câmara um emblema do Grupo «Amigos da Música», voltando-se a ouvir a saudação a Barcelos.

Seguiu-se na Igreja Matriz, cerca das 11 horas e 30 minutos, missa solene, celebrada pelo Rev. Prior de Barcelos e com acompanhamento dos «Amigos da Música», que a todos maravilhou, pelo primor da execução, tanto da orquestra como do coro. O Snr. Prior, no momento próprio, dirigiu uma breve e brilhante saudação ao Grupo «Amigos da Música», terminando por pedir à Virgem que abençoasse todos os seus componentes e famílias. No final da missa, todos cantaram o hino de Santa Cecilia, padroeira do Grupo dos músicos.

Depois teve lugar a homenagem a D. António Barroso, junto ao monumento, tendo feito uma linda alocução uma componente do Grupo.

No Parque da Cidade, cerca das 18 horas, fez-se a concentração dos agrupamentos que constituem o Grupo «Amigos da Música» para iniciarem a marcha da despedida. Cantando a saudação a Barcelos, dirigiram-se ao monumento ao Bombeiro Voluntário onde depuseram um ramo de flores, acto que teve a presença dos Bombeiros das duas Corporações barcelenses. E cantando sempre aquela mesma e linda canção, seguiram para Barcelinhos, onde regressaram ao Porto.

Pena foi que o estado do tempo não tivesse permitido a realização no Parque do número anunciado pois, temos a certeza que seria a consagração do Grupo «Amigos da Música», que, em todos os barcelenses deixou a mais grata simpatia.

Na retirada, os visitantes, foram acompanhados até às Necessidades, pelos Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos, atenção que deve ter calado profundamente nas suas almas, alegres e folgazãs.

X.

Bar e Café Matos

PASSA-SE

Devido ao seu proprietário, ter de assumir a Gerência da PENSÃO BAGOEIRA.

Visado pela Censura

Um cônsul eclesiástico português no Brasil

(Continuação da página 1)

Por isso, quando se deslocou ao Brasil a embaixada especial do nosso país, chefiada pelo dr. Júlio Dantas, para agradecer à nação irmã a sua tão marcante e transcendente participação nas Festas do Duplo Centenário, o Cardeal D. Sebastião Leme — notável individualidade de tão vasta projecção não só no território brasileiro como em toda a América do Sul — não encontrou outro título de mais nobre realce e mais justo, para o apresentar e designar quase oficialmente, de maneira lapidar, diante dos visitantes, do que o de cônsul eclesiástico português no Brasil.

De facto, monsenhor Alves da Rocha desenvolveu animosamente uma esclarecida, oportuna e persistente actuação, em diversos domínios, a favor dos seus compatriotas ali levados por mil infortúnios ou aventuras, como se fosse uma entidade diplomática incumbida desse encargo, para o que se valeu da sua situação e das suas amplas relações. Auxiliou os padres que se haviam, nos primórdios do regime republicano, transferido precipitadamente para além-Atlântico; por indicação do Dr. Alberto de Oliveira, então cônsul de Portugal no Rio de Janeiro, fez parte da comissão encarregada de angariar donativos que permitissem, nos campos da Flandres, a assistência religiosa ao nosso Exército; colaborou no combate à mortífera epidemia que, em 1918, assolou violentamente todo o Brasil; entabulou as necessárias negociações para que as irmãs franciscanas portuguesas dirigissem os serviços de enfermagem da Sociedade Portuguesa de Beneficência; proferiu o elogio fúnebre do rei D. Manuel II nas exéquias solenes celebradas após a sua morte; mereceu a subida honra de ser um dos primeiros componentes da comissão que organizou com excepcional luzimento as grandiosas cerimónias comemorativas do jubileu episcopal do Cardeal D. Sebastião Leme; foi também um dos membros qualificados, por expressa determinação daquelle insigne pruprador, que constituiu a comissão de recepção ao cardeal-patriarca de Lisboa quando, em 1934, de regresso do Congresso Eucarístico de Buenos Aires, visitou o Brasil a convite do seu Governo; e em inúmeras emergências interveio pacificadamente no sentido de estabelecer uma perfeita harmonia nas frequentes crises suscitadas entre o nosso embaixador e a colónia lusitana.

Toda esta série de actos e diligências, de mera cortesia ou de cooperação directa e decisiva, que frutificaram abundantemente em beneficio das relações luso-brasileiras e da sua extensão e consolidação, na base de uma sentida fraternidade, deu a monsenhor Alves da Rocha uma posição de relevo, bem distinguida e afirmada tanto pelo papa como pelos governos dos dois países: a Santa Sé nomeou-o em 1936 camareiro secreto com o título de monsenhor e em 1940 elevou-o a prelado doméstico; o governo português agraciou-o com as Ordens de Cristo e da Benemerência; e o brasileiro atribuiu-lhe a Ordem do Cruzeiro do Sul. Era a magnificente consagração do seu valimento e dos seus inconfundíveis serviços, culminada, em 1941, com a significativa homenagem prestada pelo Departamento de Instrução da Prefeitura do Distrito Federal do Rio de Janeiro ao conferir o seu nome a uma moderna escola construída na Penha.

Descendente de uma antiga família tradicionalmente arreigada aos sentimentos católicos — entre os seus antepassados avultam o morgado do Monte, João Martins de Oliveira, músico de nomeada, em cuja formação cultural muito influíram os sábios monges beneditinos do vizinho Convento de Tibães, e o morgado de Cabreiros, Manuel Martins de Oliveira, capitão de milícias, citado no drama histórico «O Sargento-Mor de Vilar» — monsenhor Alves da Rocha fez o curso de Humanidades no Seminário Conciliar de Braga e concluiu depois, no Seminário de Lamego, seu curso teológico, mas a sua vida inteira repartiu-se pelo seu modelar sacerdotício empreendido desde novo no Rio de Janeiro e pela sua saudosa ternura sempre rediviva, pela imagem deslumbradora do Sameiro, envolta num fastígio quase supersticioso, e ainda pelas recordações inefáveis da sua distante e pitoresca freguesia natal, que amorosamente cercou de desvelos comovidos.

Servindo lá fora com tanta galhardia a causa da Igreja, não esqueceu nunca a suprema causa da sua Pátria e nisso o seu perfil se agigantou: de uma e de outra soube extrair, em dose de equilíbrio, os necessários proveitos e as necessárias claridades para, com glória, deixar assinalada a sua passagem na Terra.

Vende, compra e troca máquinas de costura em 2.^a mão

Fernando Valério de Carvalho

Av. Combatentes da 6. Guerra, 158 — BARCELOS — Telef. 8345

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8518

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

VIDA DESPORTIVA

Campeonato Nacional da II Divisão

Principiou no domingo, o campeonato nacional da II Divisão. Na Zona Norte, os heróis da jornada, foram o Oliveirense, o Chaves e o Vianense que venceram no campo dos adversários.

O grupo barcelense, muito desfalcado, perdeu em Vila Real.

A actual direcção do Gil Vicente continua a desenvolver os maiores esforços no sentido de reforçar a sua equipa.

Oxalá que os desportistas barcelenses compreendendo bem os trabalhos e sacrificios dos actuais directores não lhe neguem o maior auxilio e colaboração.

Futebol

O Gil Vicente deslocou-se no pretérito domingo a Vila Real, desfalcado de Augusto e Gelucho, por doença, e doutros titulares por ainda não estarem legalizados.

Perdeu pelo resultado de 4-1 (1-1 ao intervalo).

Os outros resultados da jornada, foram:

- Sp. Espinho — Vianense, 0-2
- Sanjoanense — Boavista, 1-0
- Salgueiros — Oliveirense, 2-3
- Portalegrense — Chaves, 1-5
- Marinhense — Tirsense, 5-0
- Leixões S. C. — Peniche, 4-0

No próximo domingo, no campo Adelino Ribeiro Novo, o Gil Vicente recebe a visita do Sporting Clube de Espinho.

Oquei em Patins

O campeonato regional do Minho de 1958, praticamente, está terminado. Falta apenas a realização do encontro Académico de Braga — Vianense.

A classificação, com excepção dos 1.º e 2.º classificados respectivamente o S. C. Vianense e o Famalicense A. Clube, está dependente do jogo que falta realizar e de vários protestos a julgar.

Eis os resultados das últimas jornadas:

11.ª Jornada

- Académico — Taipas, 3-6
- Barcelinhos — Vianense, 0-9
- Famalicense — Oquei, 10-0

12.ª Jornada

- Tebe — Académico, 5-1
- Vianense — Oquei, 6-2
- Taipas — Barcelinhos, 7-4

13.ª Jornada

- Académico — Famalicense, 1-4
- Barcelinhos — Oquei, 5-1
- Tebe — Taipas, 4-2

14.ª Jornada

- Famalicense — Taipas, 7-1
- Tebe — Barcelinhos, 3-4

Jantar de Confraternização

No passado sábado, dia 30 de Agosto, na Esplanada do Bar Matos, sob a presidência do Snr. Aparício Pereira, velho amigo da Sociedade Columbófila Barcelense, ladeado à direita pelos Snrs. Armindo T. Matos, Hernâni Santos e António Figueiredo da Silva, respectivamente Presidente da Assembleia Geral, Presidente e Tesoureiro da Direcção e à esquerda pelos Senhores Félix Aguiar, Presidente da Comissão Distrital de Columbofilia, António de Araújo Ferreira, Secretário da Direcção e José Beleza Moreira, realizou-se o tradicional Jantar de Confraternização dos columbófilos barcelenses.

Iniciou os brindes o Sr. Aparício Pereira que enalteceu a boa camaradagem existente entre os columbófilos seguindo-se os Snrs. Armindo Matos que lamentou a ausência de grande número de columbófilos que só se lembram do columbofilismo no decorrer da campanha e alferes miliciano Joaquim Correia da Silva que também lamentou a ausência de alguns columbófilos de nomeada.

O associado Snr. Manfredo Silva, num gesto muito simpático, levantou a sua taça para pedir a todos os presentes que brindassem à saúde do associado António Marinho, velho columbófilo de poucas possibilidades mas que na prática de tão salutar despor-



Relógios de qualidade Modelos distintos
O RELÓGIO QUE VIRA A PREFERIR

NÃO É TÃO CARO COMO OUTROS. MAS É TÃO BOM COMO OS MAIS CAROS

Vende-se em Barcelos na
Ourivesaria e Relojoaria
A. MILHAZES
Rua D. António Barroso, 8

Com sede em: Rua 5 de Outubro, 5
PÓVOA DE VARZIM

Para o Estrangeiro

Partiu, em viagem de recreio à Espanha, França e Bélgica, na companhia de sua esposa e filha, o nosso prezado amigo e assinante Snr. Aníbal Araújo.

Desejamos-lhe boa viagem

Operação

Na Casa de Saúde de S. João de Deus, foi operado de urgência pelo Snr. Dr. João Barbosa, de Braga, o nosso amigo Snr. Luís Filipe Linhares. Desejamos-lhe um rápido e completo restabelecimento.

to tem revelado o maior desportivismo.

Usaram depois da palavra os Snrs. José Lucindo Carvalho, o Presidente da Comissão Distrital de Columbofilia e para encerrar o Presidente da Direcção Snr. Hernâni Santos que depois de agradecer a comparência de todos os presentes enalteceu os Snrs. João Duarte, Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, Manuel Augusto Vieira, Américo Ferros, Drs. Augusto Monteiro e Francisco Torres, a Sociedade Industrial de Alfaias Agrícolas, Ld.ª e Sindicatos Nacionais que ofereceram lindas taças.

O Secretário da Direcção Snr. António Araújo Ferreira, fez a chamada dos vencedores das diversas provas da campanha de 1958 e após a entrega dos respectivos prémios, cerimónia sublinhada com quentes e calorosas salvas de palmas, foi encerrado o jantar de confraternização que decorreu sempre na maior animação e camaradagem.

Jornal de Barcelos agradece o convite e deseja, ao simpático clube barcelense, as maiores prosperidades.

FALECIMENTOS

D. Carolina Rodrigues A. da Quinta

Em Perelhal, na Casa da Lage, após prolongada doença, na madrugada de quarta-feira, 3 do corrente, faleceu a Snr.ª D. Carolina Rodrigues Alves da Quinta, de 71 anos de idade, viúva do saudoso comerciante da nossa praça Senhor Manuel Pereira da Quinta.

Muito esmoler, a saudosa extinta era mãe muito querida do nosso prezado amigo Snr. Manuel Pereira da Quinta Júnior, considerado comerciante da nossa terra e 1.º Comandante dos Bombeiros V. de Barcelos, sogra da Sr.ª D. Maria Teresa de Sousa Ribeiro da Quinta e avó do Snr. António Manuel de Sousa Ribeiro da Quinta, das meninas Maria Manuela, Maria Isabel, Maria Helena, Maria Amélia e Maria Carolina Sousa Ribeiro da Quinta e do menino José Luís Sousa Ribeiro da Quinta.

O funeral, após os officios fúnebres, realizou-se na tarde de quinta-feira, da igreja paroquial de Perelhal para o cemitério municipal desta cidade onde ficou sepultada em jazigo de família.

A urna foi transportada num dos prontos-socorros dos Bombeiros de Barcelos e além desta Corporação que se apresentou na sua máxima força também se incorporaram com prontos-socorros as associações de Bombeiros de Barcelinhos, Esposende, Fão, Voluntários de Famalicão, Famalicenses, Braga, Taipas, Vizela, Porto, Viana do Castelo, Gondomar e Póvoa de Lanhoso.

No funeral que constituiu uma grandiosa manifestação de pesar, incorporaram-se centenas de pessoas das diversas categorias sociais e numerosos automóveis.

Levou a chave da urna o Senhor Presidente da Câmara e no cemitério organizou-se um único turno constituído por Comandantes de Bombeiros Voluntários.

Joaquim Guedes Marques

No pretérito domingo faleceu, na sua residência, sita à Rua Doutor Manuel Pais, o nosso amigo e assinante Sr. Joaquim Guedes Marques, de 59 anos de idade, casado com a Snr.ª Ana Alves da Costa.

O seu funeral, realizou-se na tarde de segunda-feira, da sua residência para o cemitério municipal.

O caixão foi transportado num pronto-socorro dos Bombeiros de Barcelos e no funeral também se incorporaram muitos associados do Círculo Católico, acompanhados do seu estandarte.

Jornal de Barcelos envia às famílias enlutadas as suas mais sentidas condolências.

Casa particular no centro da cidade

Recebe alunos dos dois sexos, tanto do curso Liceal, como da Escola Comercial e Industrial.

Nesta Redacção informa.

EXTERNATO

ALCAIDES DE FARIA

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 48 (Casa do Barco)

BARCELOS

EDUCAÇÃO DE MENINAS

CURSO DOS LICEUS

Matrículas de 1 a 10 de Setembro

Câmara Municipal de Barcelos CONVOCATÓRIA DO CONSELHO MUNICIPAL

Nos termos do § 3.º do art.º 29 do Código Administrativo, convoco os membros do Conselho Municipal para a reunião ordinária que terá lugar no dia 15 do corrente mês, pelas 14 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, com a seguinte ordem do dia:

- Apreciação do Plano de Actividade da Câmara Municipal para o ano de 1959;
- Idem, das Bases do Orçamento Ordinário para o ano de 1959;
- Postura sobre estábulos e pocilgas.

Barcelos e Paços do Concelho, 8 de Setembro de 1958.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,

*Luis José de Magalhães de Abreu
Novais Machado*

Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje - A Snr.ª D. Maria Palmira Vieira de Castro Lemos.

Amanhã - A Snr.ª D. Maria Avelina de Faria Duarte e o Snr. Fernando Leão Areal Rothes.

Sábado - As Snr.ªs D. Maria de Lourdes Barroso Coutinho e D. Maria José Matos Macedo Gaio.

Segunda - A Snr.ª D. Maria Leonilde Felgueiras Rodrigues e o menino José Miguel Vasconcelos Santos.

Terça - As Snr.ªs D. Maria da Graça Bizarro Duarte, D. Maria Teresa de Faria da Quinta, D. Alice Rodrigues de Araújo e D. Zélia Martins da Costa Antunes e o menino Joaquim José de Lima Reis.

Quarta - O menino Artur José Queirós de Sousa Basto.

Laurindo Loureiro

Já regressou da sua demorada viagem pela Europa o nosso prezado amigo Sr. Laurindo Loureiro.

Arraial Minhoto

Na Esplanada de Turismo, na noite de sábado, realizou-se o anunciado Arraial Minhoto que esteve muito concorrido.

Quintinha - Vende-se

Junto ao Apeadeiro de Durrães, margeando a estrada que segue ao Poente. Com terreno de lavradio, vinha, azeite, árvores frutíferas, casa electrificada e nascente interna. Preço 220.000\$00, sujeito a oferta.

Tratar no local com *Julião da Costa Pinheiro*.

Notícias diversas

Na Quinta do Grilo, em Tamel-S. Veríssimo, em companhia de sua esposa, encontra-se o nosso estimado amigo Snr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves, considerado comerciante da nossa praça.

- Também na sua propriedade de Tamel-S. Veríssimo, a passar a época, com sua esposa, filhos e netos, encontra-se o nosso prezado amigo Snr. Tenente-Coronel Manuel Carmona Coelho Gonçalves.

- Regressou da Curia onde esteve em tratamento, o nosso prezado amigo Snr. Dr. Alexandre Sá Carneiro.

- Com sua esposa e filhos, regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo e assinante Snr. Aníbal Araújo.

- Das termas do Eirogo, também regressou, com sua esposa e filhos, o nosso estimado amigo Snr. Sérgio Silva.

- No Gerez, a fazer a sua habitual cura de águas, encontra-se o nosso estimado amigo Snr. Alberto Augusto Guimarães Vale.

- Em gozo de licença, encontra-se entre nós, o nosso prezado amigo Snr. José da Graça Ribeiro Novo, funcionário da Dependência de Vila N. de Famalicão do B. N. U.

- Regressou das Caldas do Gerez, o nosso prezado amigo e assinante Snr. Joaquim Alves Coutinho, comerciante da nossa praça.

- Em Rezende, em gozo de licença e na companhia de sua esposa e filhas, encontra-se o nosso prezado amigo e assinante Snr. Alberto Morais de Melo e Faro.

-(-)

Agenda Médica

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS

Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 6398

FRANCISCO TORRES

Médico

Consultório

Rua D. António Barroso - Telef. 8377

Residência

Av. Alcaides de Faria - Telef. 8210

Camilo Ramos

Cirurgião-Dentista e Farmacêutico - Doenças

da boca e dos dentes - Prótese Dentária

Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º

Residência: C. Camilo C. Branco, 88

Telefone 8321

DINHEIRO S/ AUTOMOVEIS S/ PROPRIEDADES

*emprestamos
com rapidez e
nas melhores
condições*

**EMPRESA
PREDIAL**

NORTENHA

NO PORTO - PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º - Telef. 24706-30181-31038

EM LISBOA - PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º - Telef. 35313-366812-366731

colham referencias

*A segurança duma casa
está nos alicerces...*



*A segurança do futuro
está na propriedade!*

Figueiredo
compra, vende e hipoteca
PROPRIEDADES
COLOCA CAPITAIS
Figueiredo

TELEFONE 24195
TRAV. DOS CLERIGOS, 15-2.º PORTO

Farmácia de Serviço

No próximo domingo, está de serviço permanente a farmácia CENTRAL, na R. Bom Jesus da Cruz.

Automóveis - Vendem-se

D. K. W. em óptimo estado.

Matford, calçado de novo, estado mecânica impecável. Campo 28 de Maio, 38 - BARCELOS.

Precisa-se

de cabeleireira e aprendizes. Falar com José Manuel Lopes da Silva, proprietário do Salão Belle-Amie. Rua D. António Barroso, n.º 89-1.º - BARCELOS.



Packard
ANTI-MAGNETICO

Hora exacta
SUISSE

Agente em Barcelos

Ourivesaria e Relojoaria
A. MILHAZES

R. D. António Barroso, 8

Com Sede em: RUA 5 DE OUTUBRO, 5

PÓVOA DE VARZIM

Externato «D. António Barroso»

(SEXO MASCULINO)

Campo de S. José - Telefone 8511 - BARCELOS

ENSINO MINISTRADO:

Curso Primário: Segundo os programas oficiais desde a 1.ª à 4.ª classe e admissão ao Liceu.

Curso Liceal: Curso geral dos Liceus (1.º e 2.º ciclos).

Matrículas: Prozo Normal: Termina no dia 13 de Setembro

OBSERVAÇÃO - Estão sujeitos a matrícula todos os alunos com menos de 21 anos no inicio do ano escolar.

Préstimos e Costumes

A CASA DE DEUS

(Continuação da página 6)

Mas a principal cristianização devia ter-se dado quando S. Martinho, Bispo de Dume, fundou (556) um humilde e pequeno senóbio de monges bentos nas areias de Vilar. Ali a um arremesso de funda, com tão bons vizinhos da porta, quem não se converteu à fé cristã.

Uma vez convertidos, incitaram-nos a adaptar os templos romanos, ou a erguer a sua Igreja.

Reunidos os fiéis à volta da matriz, transformaram-nos em seus filhos e congregando-os formaram a freguesia.

Consta que já sofreram as perseguições dos bárbaros e as incursões dos mouros.

Talvez já tivessem como padroeiro a S. Tiago Maior — um dos primeiros apóstolos a pregar o Evangelho na Península — naquela antiga Abadia das Castanheiras, de que nos fala a tradição popular.

Depois de tantas suposições entremos na realidade. A mais antiga Igreja conhecida nesta freguesia, estava situada no lugar do Assento um pouco ao sul da actual. Era um templo pequeno e alpendrado.

Segundo rezam as Inquirições de 1220 a Igreja tinha (senarias) terras de cultivo e como Abade D. João do Sueiro.

Em 1414 (ainda existem marcos divisórios com esta data e a legenda VILAR) passou esta Igreja ao padroado do Convento de Vilar de Frades.

O Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, trocou esta freguesia e mais as de Moure e Adães pela de Calvelo, que pertencia ao Reitor de Vilar, pela renúncia do seu último Abade Gonçalo Dias de Barros.

Assim passou Encourados a ser um curato, mais tarde viseria da apresentação do Reitor de Vilar de Frades.

Do livro de visitas consta que o Visitador em 1718 notou que o templo era pequeno, baixo e escuro, tendo à porta principal um cabido fechado dos lados.

Mandou por inestético colocar o alpendre na sua forma primitiva, assente sobre dois pilares e abrir frestas no corpo da Igreja.

Quando da visita de 1748, exorta os encouradenses a construir nova igreja por esta se encontrar deveras arruinada e muito pequena para o número sempre crescente dos fiéis.

Se é certo que uma freguesia com a população de 36 vizinhos (século XVI) não exigia grande templo, era concerteza acanhado no século XVIII.

Como a edificação duma Igreja é obra de monta e muito mais para 87 fogos (século XVIII) só passado quase um século (1842) acordaram na construção.

Conforme o instrumento público de conciliação amigável que consultei, o representante da freguesia João Inácio da Silva Correia (Senhor da Casa do Carvalhinho) ajustou com o Mestre Manuel Grenho do Reino da Galiza, freguesia de Santa Maria de Touro, concelho de Ponte Caldelas a obra de pedreiro, na forma dos apontamentos, pela quantia de 470.000 reis metal, comprometendo-se a freguesia a dar:

«Toda a pedra nova e velha, cal para o assento da esquadria, ferro para as frestas e agua sendo necessário trazê-la em carros, carretos de pedra que o Mestre quebrará desde o alto da Penida para cá, saindo ela que sirva para a obra, e de contrário onde for mais cómoda e a pedra dos alicerces querendo o Mestre tirá-la no Monte de Airó, sendo em bom sitio o poderá tirar e quando o Mestre venda alguma pedra da Igreja velha será obrigado a pôr outra tanta ó pé da obra. O Mestre será obrigado a carregar a pedra e a freguesia endireitará o terreno onde se há-de formar a nova Igreja e abrirá os alicerces que no mais duro não terá menos de seis palmos no que fôr corpo da Igreja e o Mestre os encherá, que por dentro ficarão em direiteira por via das sepulturas.

Transportará as madeiras que sejam necessárias para a mesma obra e se for necessário serrar algum pinheiro levá-lo à ao engenho e trará as tabuas, e nada mais fará a freguesia».

Segue-se pormenorizada descrição da forma da obra.

«Pelo Mestre foi dito que aceitava esta como nela se contém, e ainda que esta obra lhe desse algum prejuizo nunca poderia obrigar ao suplicante por eles (bens) ainda que algum direito lhe assista o há por remunerado, e a segurança da presente obra obriga a sua pessoa e bens móveis e de raiz presentes e futuros e terços d'alma tanto neste Reino como no de Galiza».

As obras iniciavam-se em 1843 sendo colocado o altar mor em 1845.

Durante as obras da Igreja serviu de Matriz a capela de Santa Luzia.

Ao tempo era Vigário o Rev. Bento José de Araújo e Silva.

Alguém disse de passagem que é um templo simples, modesto e asseado.

Sim, como são os seus filhos.

Contudo os nossos avós, merecem os maiores louvores, pela obra levada a efeito, sabe Deus com quantos sacrificios, bem como os netos por a conservarem.

Que Deus os favoreça.

Telo-rio, Junho de 1958.

Said
ANTI - MAGNÉTICO
ANTI-CHOQUE-17 RUBIS

PEIXOTO

COM CARROS DE ALUGUER NA PRAÇA DE BARCELOS,

participa a todos os seus estimados amigos e clientes que se ausentou com o seu carro MERCEDES BENZ para França, Bélgica, Itália e outros países da Europa até aos últimos dias do corrente mês e muito agradece a todos o favor de, na sua ausência, dar as suas estimadas ordens ao seu empregado Francisco Mendes.

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a **CASA SOUCAS AUX** TELEPHONE 8545
Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

150 Contos

Empresta-se a quantia de 150 contos, ou em fracções, sobre 1.ª hipoteca.

Informa esta Redacção.

Até que enfim!...

Em Barcelos já se bebe cerveja à caneca como nas melhores cervejarias.

JOCA BAR

O único com balcão frigorífico **MARISCOS FRESCOS** todos os dias
Telef. 8416 (P. P. C.)—BARCELOS

Herniados

«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÃ que contém radicalmente todas as HERNIAS. «BRAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS, Largo do Mastro, 29, Lisboa
Telefone 5 39 54

Surdos

Novos modelos de aparelhos, novos modelos de Oculos para ouvir; novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS
Largo do Mastro, 29—LISBOA

Correio das Aldeias

Silveiros, 7

Pelas praias— Como de costume, muitas famílias da nossa terra procuram o mar durante a época calmosa para um merecido período de descanso e, ainda, para obter uma consequente recuperação de energias dispendidas durante um ano inteiro de labor constante. A praia para aquele fim preferida pelos silveirenses é, normalmente, a da linda «Póvoa do Mar», a que aqui no norte todos os anos reúne maior número de frequentadores.

Em consequência de tudo o que deixamos dito, acaba de regressar daquela esplêndida praia, onde permaneceu algumas semanas acompanhada de seus queridos filhos, a Ex.ª Sr.ª D. Beatriz Cardoso Campelo, extremosa esposa do grande industrial silveirense e nosso prezado amigo, Sr. Joaquim Miranda Campelo, activo Presidente da Junta local.

Ainda da mesma praia, regressou há dias à sua linda vivenda no lugar de S. João, a Ex.ª Família do nosso particular amigo, Sr. Guilherme Ferreira Ribeiro, abastado proprietário local e um dos mais acérrimos defensores do progresso desta localidade.

Também para a praia da Póvoa de Varzim seguiu, acompanhada de seus queridos filhinhos, a Sr.ª D. Maria de Lourdes Ferreira Martins, irmã do Rev. Pároco local, Sr. Padre Constantino Ferreira Martins.

Para todos, vão os nossos votos de que tenham obtido ou obtenham os melhores resultados.

O abastecimento do milho— Depois das considerações que recentemente aqui fizemos acerca da alarmante falta de milho para o regular abastecimento da população local, facto que chegou a atingir certa gravidade, a situação voltou quase a normalizar-se sobretudo na questão do abastecimento, pois os preços respectivos mantêm-se à margem das leis. Agora, porém, com o aparecimento do milho da nova colheita, esse desagradável estado de coisas tem de melhorar nos dois aspectos, e ainda bem.

O tempo e a agricultura— Com o tempo deveras irregular que ultimamente se tem feito sentir, muito têm sofrido as vinhas, os milheirais, etc., pois a falta de calor não permite o seu desenvolvimento nem a respectiva maturação.

A forte ventania recentemente verificada destrou muitos milheirais, alguns dos quais estão perdidos em grande parte. Enfim...

que Deus nos mande o tempo próprio da época em curso, pois de contrário as colheitas serão muito reduzidas, cujo prejuizo incide directamente nas modestas economias do público consumidor, a eterna vítima destas diferenças negativas.

«Os amigos da Música» em Barcelos— Numerosas famílias da nossa terra se deslocaram no passado dia 31 de Agosto a essa cidade a fim de se associarem à brilhante, carinhosa e merecida recepção que Barcelos dispensou à numerosíssima caravana vinda de além-Porto em visita e homenagem à encantadora «Dona do Cávado». Não quis, porém, o sol brilhante próprio da presente época associar-se à alegria de tantas centenas de pessoas, e por esse motivo estas dispersaram em grupos pelos principais pontos turísticos da cidade, que admiraram interessadamente. Pela mesma razão não se efectuou um maravilhoso espectáculo previsto para o frondoso e aprazível Parque da Cidade na tarde do mesmo dia, o que sinceramente lamentamos. Que se lhe há-de fazer? ... ter paciência.

Para os Pobres de Silveiros— A «Caritas» americana, por intermédio da sua congénere portuguesa, continua a fazer distribuir periodicamente queijo, leite e farinhas alimentícias às famílias mais necessitadas da nossa terra, graças às diligências para esse fim efectuadas pelo nosso Rev. Pároco, a quem está confiada a distribuição daqueles magníficos produtos alimentares.

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos— Foi esutado por todos os silveirenses com indescritível entusiasmo e vibração, o programa de danças e cantares de Barcelos e seu concelho apresentado pela segunda vez em gravação aos microfones de «Rádio Clube Português» e não na «Emissora Nacional», como por lamentável lapso dissemos na última correspondência.

Embora se tratasse de informação errada, que involuntariamente nos foi fornecida, confessamo-nos inteiramente responsáveis por tal facto e, por isso, aqui estamos a pedir desculpa aos nossos solícitos leitores. Apesar disso, todos, numa ansiedade extraordinária, rapidamente captaram o posto emissor de R. C. P. onde decorria o interessante programa, pois o facto de termos indicado a hora exacta era sem dúvida o pormenor mais importante.

C.

Fábrica de Cerâmica

Em Barcelos, no lugar da Estação, com 8.000 m² de terreno — VENDE-SE.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Música

Professora diplomada lecciona piano.

Armazém

Espaçoso, aluga-se no Campo de S. José.
Falar nesta Redacção.

ADEGA NECO

Uma das principais do Porto
Bons vinhos, grande variedade em petiscos sempre frescos

Almoços e jantares a preços sem concorrência

Pregos à Neco, especialidade da casa

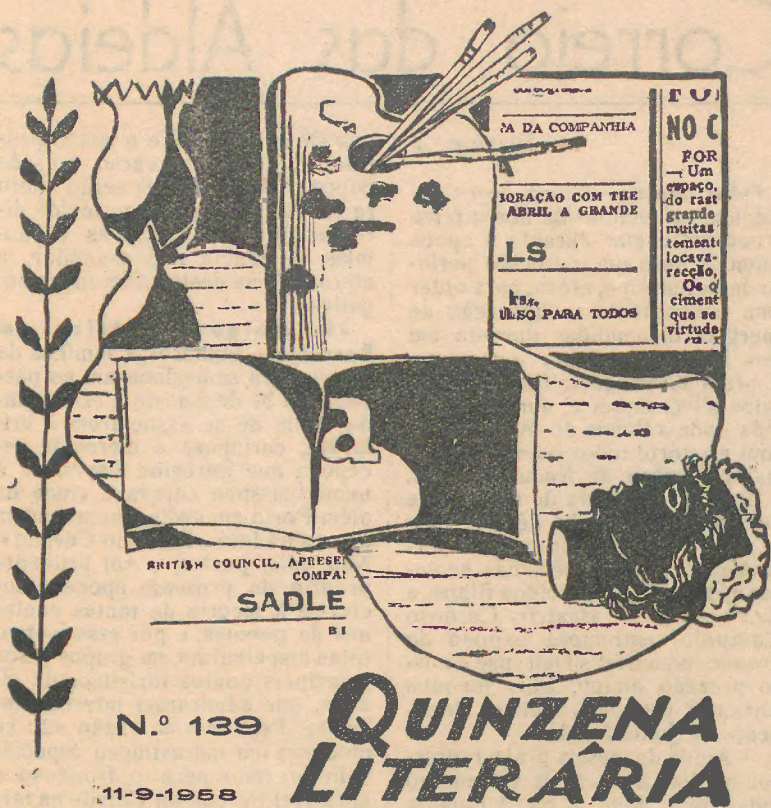
Cozinha permanente

ABERTO ATÉ ÀS 24 HORAS

Telefones 42995 e 45459

Rua de Costa Cabral, n.º 16-A (Ao Marquês de Pombal)

PORTO



A LÍNGUA PORTUGUESA

PELO DR. FERREIRA BARROSO

III

SÃO três os elementos de que se compõe a língua portuguesa: *popular*, *semi-erudito* e *erudito*. Pertencem ao elemento *popular* as palavras que provêm do latim vulgar e que, com o decorrer do tempo, foram consecutivamente modificadas de acordo com as leis fonéticas, assim como as que, se bem que não sejam de origem latina, entraram na nossa língua e como elas sofreram a influência das mesmas leis. Estão neste caso os termos — *chave*, *mesquinho*, *guerra* e muitos outros. Destes, uns são mais antigos e por isso não sofreram as mesmas modificações.

Classificam-se de *semi-eruditas* as palavras que só em parte seguiram aquelas regras como — *insoa*, *apostoligo*, etc. Dizem-se *eruditas* as de origem latina ou grega que desde muito cedo e principalmente desde os princípios da Idade Moderna foram admitidas pelos lexicólogos. Sirva de exemplo a palavra *hospital*.

A língua portuguesa, após a sua fixação pela escrita, sofreu várias alterações relativamente à fonética e à morfologia, sendo as mais importantes as correspondentes aos séculos XII, XIII, XIV e XV. Há a considerar na nossa língua duas fases — *arcaica* que compreende os séculos XII a XVI e *moderna* a partir deste último século.

Vejamos alguns exemplos de transformações porque passaram algumas palavras: *muliere* donde *mulher*, *preconfare* donde *preguntar* e não *perguntar* como alguém supõe que se deve escrever, *pulica* donde *pulga*, *opera* donde *obra*, *agua* donde *auga* (arcaica) *água* (moderna).

Estas modificações deram-se tanto nas vogais como se pode verificar em *púdi* e *tivi*; como nos ditongos *aguriu* que deu *agouro*, *auscultare* que deu *escutar* e nas consoantes — *pacare* deu *pagar* *dicera* deu *dizer*, *cruce* deu *cruz*, etc.

Há contudo palavras que passaram do latim para o português sem sofrerem alteração como — *hora*, *rosa* e muitas mais.

Em todos os tempos penetraram na nossa língua vocabúlos estrangeiros graças às relações comerciais, artísticas, científicas, literárias, etc. entre portugueses e franceses principalmente como afazeres, confeccionar, peço-lhe de fazer; do inglês — *chegue*, *club*, *pudim*; do grego *filologia*, *neurastenia*. Já nos primeiros tempos da nossa nacionalidade encontramos palavras francesas como *chapéu*, *charrúa*.

Ninguém ignora a influência da literatura provençal como se verifica lendo os cancioneros. As próprias traduções de livros estrangeiros, mormente franceses, confirmam o que acabamos de dizer. Não menos importante é a influência do espanhol em virtude das afinidades que unem os dois povos e sobretudo devido à sua vizinhança. Esta influência nota-se tanto na linguagem como na literatura e pode dizer-se que culminou a partir do século XVI com as relações de parentesco entre as duas famílias reinantes, havendo escritores, como Gil Vicente, fundador do teatro nacional, ou antes o que deu ao teatro nacional forma literária, que escreveram obras nas duas línguas.

Muitas palavras foram introduzidas igualmente na nossa língua em consequência das viagens e descobertas tanto para o Oriente como para o Ocidente e das relações

PRÉSTIMOS E COSTUMES

A Casa de Deus

Por SILVESTRE DE ENCOIRADOS

GRAÇAS aos bons paroquianos e ao dinamismo do incansável Abade de Martim, Rev. José Marques, a Igreja de S. Tiago de Encourados sofreu obras de conservação e embelezamento!

Urgia que tal acontecesse. Os velhos tetos de madeira, há bastantes anos sem reparação ameaçavam ruína.

Obras houve, mas de transformação.

Umhas com sentido estético e prático, outras só geraram descontentamento em nada beneficiando o culto, o Pároco e os fregueses.

Os habitantes desta católica aldeia, não têm o prazer da vingança e embora filhos de boa gente, sabem perdoar como bons cristãos.

Comprovaram-no contribuindo, todos, e de boa vontade para a Casa de Deus.

Bem hajam.

Soube que alguns conterrâneos gostariam de conhecer as antigalhas da sua Igreja, pelo que passo a citar o pouco que me foi dado averiguar no povo e em velhos documentos.

A privilegiada situação geográfica destes sítios trouxe concerteza logo nos primeiros séculos da era cristã a boa nova do Evangelho aos seus habitantes.

A duas escassas léguas de Braga, primeira cidade da Península a ser evangelizada, servida a dois passos — Porto de Martim — pela via romana que ligava a cidade ao Cávado e se bifurcava em cangostas e calçadas através de Martim, Encourados, Vilar, etc., leva-nos a crer que os da cidade (primeiros cristãos) não apelidaram durante muito tempo de pagãos, os aldeões destas paragens.

De tão perto e bom caminho, é de presumir que o Bispo enviasse o sacerdote a baptizar.

(Continua na página 5)

que mantivemos com povos com os quais as viagens e descobertas nos puseram em contacto. Citaremos furação e cacimba. Este mesmo contacto permitiu que a nossa língua fosse por eles adoptada, sendo hoje falada por mais de 60 milhões de indivíduos dispersos pelos diferentes continentes.

Nota — Em artigos anteriores verifica-se a existência de algumas gralhas, por vezes inevitáveis, como da natureza em lugar de natureza; de sensação em lugar de a sensação (n.º 437, pág. 6). No n.º 441, pág. 6, onde se lê *anea* deve ler-se *anca* de *anka* (de origem germânica); a conversão dos *godos* ao Cristianismo deve ler-se, dando-se a conversão dos *godos* etc. e já no fim do artigo veio *Lutério* em vez de *Lutário*. No n.º 442, pág. 1 onde está *Parece* ainda a emigração deve estar, *Acrece* ainda a emigração, etc.

Falemos do Brasil

Secção de JORGE RAMOS

Notícias

No concurso instituído pela revista "Leitura" do Rio de Janeiro, obtiveram menção honrosa quatro poetas do Rio Grande do Sul: Santiago Naud, Guerreiro Chaves, Elísio Meneses e Fernando Castro, este último do grupo da revista "Quixote" de Porto Alegre. — O "Clube do Livro" de S. Paulo vai editar o romance "A Dactilógrafa" de Afonso Schmidt, nome prestigioso da literatura brasileira, que à beira dos setenta anos, continuará em intensa actividade literária. — O "Prémio Machado de Assis" deste ano foi concedido ao escritor Eustáquio Duarte com o livro "Rosa e Pimenta". — Prepara-se nova edição de "Os Escorpões", romance de Gastão de Holanda. — Ionaldo Andrade publicará brevemente "Postais do Recife". — Frederico Porta, jornalista de Porto Alegre tem no prelo "Dicionário de Artes Gráficas". — Assunção Santos concluiu "Uma linhagem sul-riograndense" ensaio de genealogia histórica. — Está publicado o n.º 17 da revista "Província" de Porto Alegre, dirigida por Disceu Chiesa. — O escritor bahiano Nelson de Araújo terminou o livro de contos "Um acidente na Estrada", título de uma das novelas que abre a obra. — Carlos da Costa Pereira anuncia para breve "A Cerâmica Popular da Bahia".

Poetas paulistanos

José Marcondes — Nasceu em Pindamonhangaba a 12 de Novembro de 1905. Colaborou em quase todos os jornais do Vale do Paraíba. Membro da Associação Valeparaibana de Escritores e Jornalistas. Autor de "Cânticos", do romance "Aleluia" e do valioso estudo "Ortografia Ultra-Fonética", da qual já foram feitas quatro edições.

*Senhor, meu Deus! Que num deslumbramento
meu espírito manso e cristalino,
purificado pelo sofrimento,
saiba sorrir às pedras do destino.
Meu Deus! Que possa ao menos num momento
sentir a luz de vosso olhar divino
e que ele traga sempre um novo alento
a mim, que sou tão fraco e pequenino,
igual a um grão de areia no deserto,
como uma gota de água nos oceanos...
Por fim, para que eu siga o rumo certo
da pátria azul da glória sempiterna,
cegai-me os olhos para os bens mundanos
e iluminai-os para a luz eterna!*

Joviano Homem de Melo — Nasceu em 25 de Fevereiro de 1896. Fundou e dirigiu a revista "São Paulo Artístico". Autor dos livros "Alfombras" e "Ermo".

*Bronzes vós sois chorosos, pungitivos
quando vos tange algum tristonho crente
que vai contar aos ecos sensitivos
a própria dor, ou dor que o estranho sente.*

*E muitas vezes, ledos e festivos,
bronzes, cantais quase imediatamente
enchendo o espaço de clamores vivos,
porque vos vibra alguém que está contente.*

*Assim, também no peito um bronze tenho...
— Meu coração num campanário mora —
Para o tocar no entanto, descobri
que duas cordas há de raro engenho:*

*pela corda do riso é que se chora
pela corda do choro é que se ri!*

José Milad — Jornalista e poeta. Autor do livro "Árvore Velha".

*Hás-de sempre sofrer, eterno incompreendido
neste vale deserto escuro e mercenário,
homem, fruto da dor, num orbe mau nascido
trazendo no seu sangue um mal hereditário.*

*Hás-de sempre escutar, bailando em teu ouvido,
a eterna maldição em todo o teu calvário;
e há-de, por fim, quedar mísero e solitário
quando ao peso da cruz, te abateres vencido.*

*Mas quando te ferir o espinho da coroa
e o teu corpo rolar por entre o escarro e a lama,
e sentires no teu rosto, a injúria dum amigo,
não te revoltes, não. Recebe o teu castigo.
E a quem te causa dor, e a quem tanto te infama,
homem, filho de Deus, humano ser, perdoa!*